

A COMPREENSÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA OBRA O QUE É EDUCAÇÃO FÍSICA DE VITOR MARINHO DE OLIVEIRA

Valéria Bezerra Bernardo ¹
Francisco Mateus Almeida Oliveira ²
Rogério Paes de Oliveira ³

RESUMO

O esporte generalizado como conteúdo da educação física escolar torna-se conteúdo hegemônico nas aulas de educação física e ferramenta ideológica de propaganda durante a ditadura civil militar de caráter burguês. Com o fim desse processo e reabertura política, no campo da educação física iniciou-se um movimento de crítica, sobretudo conceitual e epistemológica acerca da pergunta: o que é educação física? Assim, os teóricos da educação física que dissertam sobre a história da educação física no seu sentido amplo, enquanto uma atividade corporal com predomínio dos aspectos físicos há um retorno às mais elementares e necessárias práticas de sobrevivência, perpassando pela construção do conceito grego atribuído a essas atividades, tratando-as, em regra, como um desenvolvimento gradual e linear. A obra “O que é educação física?” de Vitor Marinho de Oliveira inaugura uma crítica conceitual e epistemológica sobre o trato desse conhecimento, na perspectiva de afirmar que nem tudo é educação física. Nesta perspectiva, esse estudo tem como objetivo analisar a compreensão conceitual do que é educação física na supracitada obra. A presente pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa teórica bibliográfica com estudo imanente da obra com análise qualitativa na qual as formulações teóricas do Materialismo Histórico serão referencial matricial. Por fim, o autor elabora um arcabouço histórico da origem da educação física com as aproximações das atividades mais remotas de manutenção da vida biológica (saltar, correr, caçar, lançar), para a partir deste momento, possibilitar a base conceitual desta práxis corpórea.

Palavras-chave: Educação Física; História; Materialismo Histórico.

INTRODUÇÃO

A Educação Física (EF), enquanto área de conhecimento, sempre esteve em constante transformação, refletindo diferentes concepções de ser humano, sociedade e cultura ao longo da história. Ela surge com os ideais crescentes da própria sociedade capitalista e seus preceitos básicos acerca do “cuidado” com o corpo (SOARES, 1994),

¹ Graduanda do Curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri - URCA, valeria.bernardo@urca.br ;

² Graduando do Curso de Educação Física da Universidade Regional do Cariri - URCA, mateus.almeidaoliveira@urca.br ;

³ Doutor em Educação na Universidade Federal do Ceará - UFC. Professor Adjunto do Departamento de Educação Física da Universidade Regional do Cariri - URCA. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Onto-Histórico em Educação Física e Esportes - GEPOHEFES, rogerio.paes@urca.br .



em um contexto na qual a Europa estava em efervescência política e economicamente com o processo de transição de uma modelo de acumulação feudal para um modelo de acumulação capitalista, possibilitado por meio das revoluções burguesas (francesa e industrial). Com essa nova ordem social, passa a ser necessário um outro modelo de homem, e a EF e suas preocupações com a educação do corpo passa a ser “a própria expressão física da sociedade do capital [...] torna-se receita e remédio para curar os homens de sua letargia, indolência, preguiça, imoralidade, e, desse modo, passa a integrar o discurso médico, pedagógico... familiar” (SOARES, 1994, p. 3-4).

O desenvolvimento social na batuta da sociabilidade do capital transforma os feudos em estados nações e a preocupação de formação dos exércitos nacionais recai no adestramento, formação e preparação corporal via sistema de exercícios físicos capaz de sistematizar e sintetizar essa prática. Nasce em conjunto com os sistemas nacionais os métodos ou escolas de ginásticas (OLIVEIRA, 2025), com as escolas de ginástica e as preocupações com o novo modelo ideal de corpo/homem (força de trabalho) que fosse consistente com as necessidades de uma sociedade que deixava de ser rural e caminhava a passos largos pelos processos industriais. Além disso, adentra na escola como ferramenta de controle e adestramento corporal com a formação dos sistemas nacionais de educação. Privilegiando os aspectos de preparação militar e, portanto, os aspectos físicos que eram sustentados por uma concepção positivista de homem e de mundo.

No Brasil, sua trajetória foi marcada por influências médicas, militaristas e esportivistas, que em determinados momentos atribuíram à disciplina funções que perpassavam a dimensão pedagógica, colocando-a a serviço de ideologias e interesses de grupos dominantes (CASTELLANI FILHO, 1998; SOARES, 1994).

Segundo Soares (1994), a EF como disciplina escolar aparece no Brasil vinculada às ideias de eugenia de regeneração e embranquecimento da raça, ideias essas que eram objetivas por meio de congressos médicos, discursos no parlamento, além de expressas em documentos oficiais e propostas educacionais e, portanto, uma política educacional para a educação física calcada pelos preceitos eugênicos.

A medicina também influenciou na forma em que a EF era percebida. Nela, o que importava era a percepção da prática de exercícios como método eficaz para obtenção de corpos saudáveis.

[...] as concepções, os valores e os hábitos que a ciência médica desenvolveu tiveram um papel significativo na construção e na ordenação da racionalidade social, racionalidade esta que nasce colada às exigências de saúde do “corpo biológico” para a manutenção da saúde do “corpo social”, ou seja, para a produção e reprodução do capital (SOARES, 1994, p. 17).



Para justificar suas ideias, ou seja, as ideias dominantes, o discurso higienista vinculava os maus hábitos, individualiza a responsabilidade pelo cuidado do corpo, além de recair para a EF as práticas isoladas que contribuíram para a prevenção de doenças dentro da sociedade. Com o processo de intervenção militar e o discurso de crescimento econômico, essa responsabilização foi intensificada por meios do discurso da eficiência e eficácia e uma abordagem tecnicista de condução das práticas corporais. É nesse contexto que o esporte passa a ser utilizado como ferramenta de difusão desse ideário.

A EF durante o período da ditadura civil-militar de caráter burguês (OLIVEIRA, 2022; HUNGARO, 2010) possui a prática do esporte como caráter hegemônico nas aulas, funcionando como ferramenta ideológica e de propaganda estatal propagando ideias de disciplina corporal próprias dos treinamentos praticados pelo exército. A relação entre professores e alunos era mediada pela seletividade dos aptos a praticarem esportes de alto nível competitivo com a ideia de transformar alunos em atletas e o Brasil em potência esportiva e econômica.

Com o processo de redemocratização e a abertura política com o retorno de intelectuais de todas as áreas do conhecimento para o Brasil, emerge no campo singular da EF uma postura crítica e uma crise de identidade sobre o papel e, portanto, a função social da EF durante os anos de chumbo. A EF, nesse sentido, começa a questionar seus pressupostos epistemológicos centrados na indagação: “o que é Educação Física?”. Nesse cenário, a obra *O que é Educação Física?* de Vítor Marinho de Oliveira (2004) se apresenta como marco fundamental ao inaugurar uma reflexão crítica sobre os limites e as possibilidades desse campo, problematizando a redução da EF à dimensão biológica ou à prática esportiva.

A obra supracitada é considerada um clássico da área por sua grande atuação no que diz respeito à consolidação do pensamento crítico sobre o papel da EF na sociedade brasileira. A obra se destaca por apresentar de forma crítica e reflexiva, uma análise histórica e social da EF questionando visões reducionistas. O estudo de Oliveira ajudou a estabelecer novas compreensões de corpo, movimento e formação humana, tornando-se ferramenta fundamental para estudos que buscam compreender a identidade e os desafios constituídos na área. Por isso, seu aproveitamento nesta pesquisa justifica-se pela tamanha relevância teórica e histórica, oferecendo uma base sólida para discutir os sentidos, finalidades e transformações da EF.



A presente pesquisa caracteriza-se como bibliográfica que, de acordo com Gil (2008), consiste no levantamento, seleção e análise de produções já publicadas, permitindo a sistematização de conhecimentos e a interpretação crítica de um tema, utilizando como referência principal a análise imanente da obra *O que é Educação Física?*, de Vítor Marinho de Oliveira (2004), cujo objetivo central foi compreender a formulação conceitual proposta pelo autor, relacionando-a ao contexto histórico e epistemológico da EF brasileira, complementada por autores como Bracht (1999), Castellani Filho (1998), Soares (1994) e Betti (1991), que dialogam com o mesmo campo crítico.

O referencial metodológico que orienta a análise é o Materialismo Histórico, formulado por Karl Marx (1818-1883) e Friederich Engels (1820-1895) com vista a realizar uma análise racional e radical da problemática, desnudando o objeto de pesquisa em seus aspectos estruturais e dinâmicos e, portanto, compreendendo seu movimento real e concreto em meio a totalidade social.

Desse modo, o trabalho está exposto em dois tópicos, sendo que o primeiro trata sobre a gênese histórica da EF e seu processo de desenvolvimento enquanto disciplina escolar; o segundo discorre sobre como está exposta a obra “*o que é educação física*” de Vitor Marinho de Oliveira e seu entendimento conceitual.

Dessa forma, podemos concluir que o texto de Oliveira nos indica que a sua principal contribuição está na tentativa de elaborar um conceito que rompe com as formas reducionistas, hegemonicamente presentes na área da EF, sobretudo na compreensão que a EF não pode ser relacionada a simples práticas corporais, mostrando que ela está situada como prática social e histórica.

GÊNESE HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA COMO DISCIPLINA ESCOLAR

A gênese da EF moderna surgiu essencialmente na Europa entre os séculos XVIII e XIX diante do desenvolvimento industrial, científico e político que transformou as sociedades europeias. Segundo Soares (1994), esse período foi marcado pelo fortalecimento do estado burguês e serviu de instrumento para a criação de cidadãos produtivos, saudáveis e disciplinados adequados às ideias de uma sociedade industrial. A autora explica que “o corpo individual, como unidade produtiva, máquina menor da engrenagem da indústria capitalista, passa a ser então uma mercadoria [...] um



instrumento a mais que deverá ser meticulosamente controlado para ser útil ao capital” (SOARES, 1994, p. 20). Essa perspectiva revela que o corpo, nesse contexto, tornou-se uma ferramenta de preparação para o trabalho e para o cumprimento de deveres nacionais.

Influenciada pelas ciências médicas e biológicas, a EF incorporou práticas voltadas à higiene e à saúde, reforçando ideais de prevenção e normalização corporal, tendo também bastante impacto do militarismo que visava a preparação do aluno para a produtividade e obediência como virtudes cívicas. Como afirma Soares (1994), “o conhecimento médico [...] transforma-se em mecanismo de controle por parte do Estado, que o reconstrói em poder disciplinar e, de modo ora sutil, ora acintoso, utiliza-o para o controle das grandes massas urbanas” (p. 21). Assim, funcionando como mecanismo de moralização e manutenção social, no qual o corpo saudável e forte representava patriotismo e eficiência produtiva para além do vigor individual.

Ao exigir corpos adequados ao trabalho fabril, aptos e ágeis o bastante para acompanhar o ritmo das máquinas, a industrialização acabou intensificando esse processo. Assim a EF foi introduzida, em um primeiro momento, dentro das escolas para educar, disciplinar os corpos e a formação dos sujeitos que sequencialmente estariam prontos para seguir as propostas capitalistas emergentes da época. Como afirma Leontiev (p. 12, 1978)

O homem não nasce dotado das aquisições históricas da humanidade. Resultando estas do desenvolvimento das gerações humanas, não são incorporadas nem nele, nem nas suas disposições naturais, mas no mundo que o rodeia, nas grandes obras da cultura humana. Só apropriando-se delas no decurso da sua vida ele adquire propriedades e faculdades verdadeiramente humanas. Este processo coloca-o, por assim dizer, aos ombros das gerações anteriores e eleva-o muito acima do mundo animal.

Assim, o corpo é entendido como produto histórico da atividade humana e a EF, ao trabalhar com o movimento humano, acaba agindo sobre a formação cultural e social dos indivíduos. Mello (2009) complementa ainda dizendo que o que antes se relacionava às atividades de proteção passa a ser uma atividade de luta sobre os outros homens para escravizá-los ou explorá-los economicamente, objetivando o acúmulo de riquezas. Deste modo, o processo de formação do homem não se limita às adaptações do ser, mas reflete seu processo de relações sociais.

Na Europa do século XIX surgiram diferentes escolas de ginástica que pregavam uma afirmação nacionalista e industrial com concepções dominantes de corpo e sociedade. Essas escolas europeias de [educação física] ginástica foram fundamentais



para disseminar educação física nas escolas. Essa base estrangeira só chegou ao Brasil em meados do século XIX quando a EF passava a ser incorporada nos currículos escolares. Como disciplina curricular obrigatória, a EF voltava-se à disciplinar o corpo para o trabalho produtivo seguindo os preceitos do capitalismo industrial. Oliveira e Nunomura (p.85, 2012) confirmando que “A preocupação com a inclusão dos exercícios físicos nos currículos escolares dessa sociedade capitalista em ascensão remota do século XVIII com Guths Muths, Basedow, Rousseau e Pestalozzi.”

Aqui a disciplina assumiu papel civilizatório, corroborando para promover a saúde, moralizar os costumes e formação de corpos úteis ao capitalismo. Com o tempo, a EF passou por transformações acompanhando as mudanças sociais e pedagógicas. Trajetória essa que desde de suas origens modernas esteve ligada às demandas sociais de controle, produtividade e formação do novo ser, o ser social.

No Brasil a EF foi induzida por modelos europeus, o que acabou fazendo-a ser utilizada para a disciplinarização de corpos, em especial no período civil-militar, sendo um aparelho de alienação e reprodução para interesses dos grupos dominantes no poder da época.

De acordo com Soares (1994), a EF só passa a ser difundida dentro do contexto escolar baseada nas ideias de eugenia, de regeneração e embranquecimento da raça. Assim, a EF foi inserida em meio às escolas para educar e disciplinar corpos no intuito de formar sujeitos capazes e prontos para seguirem questões do capitalismo.

A COMPREENSÃO DO QUE É EDUCAÇÃO FÍSICA NA OBRA O QUE É EDUCAÇÃO FÍSICA

A obra de Oliveira é composta por 51 páginas distribuídas em cinco capítulos, os quais apresentam uma abordagem sequencial dos fatos. No capítulo 1, intitulado *De Higgins ao “Jogging”*, o autor levanta diversos questionamentos sobre a Educação Física (EF) e analisa diferentes fases históricas da vida humana em sociedade, como os períodos militar e médico.

No capítulo 2, *Do Homem Natural ao Homem Máquina*, Oliveira discute a evolução do ser humano enquanto ser social, explorando o processo pelo qual o homem passou a ser concebido como uma máquina. Para sustentar suas reflexões, o autor recorre a pensadores como Locke e Rousseau. O capítulo 3, *A Educação Física no Brasil*, apresenta o percurso histórico da EF brasileira até o século XX, destacando



também as questões político-ideológicas que influenciaram a área.

Em seguida, o capítulo 4, intitulado *O Labirinto*, propõe uma reflexão crítica sobre as múltiplas tentativas de definir o conceito de EF. Por fim, no capítulo 5, *Afinal, o que é Educação Física?*, sintetiza as discussões dos capítulos anteriores, culminando em uma proposta de compreensão crítica e humanista da EF.

A compreensão do que é a EF está intrinsecamente ligada à própria compreensão do ser humano como ser histórico e social. Ao longo da história, diferentes concepções atribuíram à disciplina significados diversos, ora vinculados à saúde, ora ao militarismo, ora ao esporte, mas nem sempre comprometidos com uma formação integral (BRACHT, 1999; SOARES, 1994).

Segundo Oliveira (2004), essa polissemia de compreensões contribuiu para que a EF fosse identificada, em diferentes épocas, como extensão da Medicina, como instrumento de disciplinamento militar ou como campo meramente esportivo. Essa condição, embora tenha conferido certo status à profissão, também a afastou de sua verdadeira missão pedagógica, reduzindo-a a um adestramento físico ou a uma prática utilitarista.

Nesta perspectiva, ao analisar a influência médica, Oliveira (p.5, 2004) apresenta os seguintes questionamentos:

Mas será o professor de Educação Física uma espécie de médico? Ou um auxiliar do médico? Qual o perfil que a sociedade traça desse profissional e o que dele espera? A evidente identificação com a Medicina foi o que, sem dúvida, deu status à profissão mas, lamentavelmente, afastou-a da sua verdadeira missão.

Dessa forma, por conter traços significativos e muito ligados a questões de saúde, a educação física acabou, de certa forma, ganhando um significado que a afastou do seu real sentido para com a sociedade independente dos locais e épocas onde foi estudada e praticada. Mas apesar de perder esse sentido, quando relacionada a área da medicina, foi a partir daí que ganhou um maior status e espaço dentro da sociedade.

Além de ter uma identificação ligada a área da medicina, a EF por um longo período de tempo esteve direcionada à hábitos militaristas, sendo usada para preparação de exércitos e as grandes comemorações cívicas que marcaram as épocas passadas, fazendo a população afastar-se por um bom tempo do real fenômeno EF.

O homem hoje constituído, fez crescer no seu interior novas necessidades, as quais não são mais apenas biológicas como as fundamentais para sua existência: caçar, correr, saltar, nadar. Este homem a partir de seu breve desenvolvimento psicomotor



buscou transformar a natureza criando ferramentas e objetos que o ajudaram na caça, na pesca e também na construção de moradias seguras. Os primeiros grupos a se isolarem e utilizarem-se de agricultura e domesticação de animais para se auto satisfazer suas necessidades foram considerados sedentários, pois sempre que entravam em confronto com os peregrinos perdiam o que os fez criar estratégias preparatórias para futuros confrontos no tempo ócio destes, fazendo-os a partir daí se conscientizarem sobre a questão esportivista das atividades antes praticadas.

A antiguidade oriental foi um dos pontos de partida para o começo do surgimento da EF, com uma nova organização dos homens foi possível identificar fortes aspectos ligados a origem da EF, cada povo agora organizados em seus pequenos povoados fizeram surgir “pedaços” ainda que distantes de uma cultura corporal reestruturada com base em desejos e necessidades conjuntas, com o objetivo de repassá las para as novas gerações através de pinturas e escritas, mostrando trabalhos como danças religiosas, esportes (ainda que pouco organizados) e questões terapêuticas (OLIVEIRA, 2004).

Já nas épocas dos grandes heróis sempre se destacavam os mais fortes e inteligentes, quando surge então a era grega a EF começa a tomar forma, festejos direcionados aos deuses e a outras comemorações eram típicos da época assim como jogos que apesar de tudo denotam da era primitiva eram praticados como de corrida, lançamentos etc (OLIVEIRA, 2004).

Quando se trata do período feudal, Oliveira (2004, p. 16) afirma “foi um período em que pouco se fez para o ser humano, enquanto pessoa. Oprimidos e explorados, os servos representavam muito pouco para os seus senhores, haja vista que um camponês, muitas vezes, tinha menos valor do que um cavalo.” Ou seja, durante tempos a grande maioria dos seres humanos foram explorados pelos povos de maior poder, estes perderam seus valores e sentimentos diante dos senhores que os tinham como servos. Servos que eram vetados de condições primárias a saúde e alimentação, mas também ao contato para com atividades consideradas próprias da nobreza da época.

Vários autores como Montaigne, Francis Bacon, Rabelais entre outros foram importantes na disseminação das práticas corporais que compõem a EF até hoje. Sendo capazes de compor tais atividades para dentro dos contextos escolares e acadêmicos os quais foram primordiais na composição do alicerce inicial da EF escolar. Uma vez que a educação como já se sabe, nunca foi acessível, nas décadas anteriores, a toda a população. O acesso restrito à educação por parte da nobreza não foi diferente quanto ao



ensino da EF. Esta era destinada apenas às formações cívicas e treinamentos militares, isso quando não praticada no âmbito escolar o qual era limitada à burguesia.

Um bom exemplo pode ser dado no processo de descoberta do Brasil,

O ensino nos colégios era destinado à classe dominante (latifundiários e representantes da Coroa). Tratavam de assuntos que não respondiam às necessidades locais, sendo, ainda, as aulas ministradas em latim e grego. Era uma cultura alienada e alienante, reproduzindo unicamente os interesses colonizadores da Corte.(OLIVEIRA, 2004, p.23-24)

Ainda em seu livro, mais precisamente no capítulo quatro: O Labirinto, Oliveira (2004) traz uma abordagem do que pode ser considerado EF, questionando se a mesma é ginástica, medicina, cultura... mas sempre deixando claro que esta não está delimitada por uma ou outra área em específico, podendo assim compreendê-la como uma junção de saberes não predeterminados mas que surgem a partir do ser e seu movimento em busca da existência.

A EF baseada em toda a história humana foi capaz de absorver os mais diversos e significativos instrumentos para cumprir seus estudos, sejam eles esportivos, ginásticos, culturais... o que realmente conta dentro desse engendrado é que sua existência surge em função do homem (vivo) e suas manifestações individuais ou coletivas. Defini-la com exatidão e algo comprobatório torna-a natural. Então, talvez esse seja um de seus objetivos, mostrar que cada coisa pode possuir um significado diferente dependendo do ambiente e dos seres que nele estão envolvidos. Como aponta-nos Oliveira em

Deve haver alguma coisa, em algum ponto, que dê sentido a essa práxis, revelando uma identidade genuína. Isso mesmo. A impressão é de que a Educação Física perdeu, ou não chegou a possuir, uma verdadeira identidade. E o agente de toda essa ação, o professor, envolvido num emaranhado de opções, corre de uma escola para uma academia, desta para um clube, então para outra escola. (OLIVEIRA, 2004, p.38)

E continua, questionando

E daí? Por que faz tudo isso? Deveria haver um móvel - além da sobrevivência - que o levasse de um lugar para o outro. Quais são as suas expectativas? Qual deveria ser a sua função na sociedade? Sua atuação quase sempre reflete atitudes formalizadas, mecanizadas. O que não oferece dúvida, é que a Educação Física se ressentia de um engajamento filosófico a orientá-la em direção às suas finalidades. (OLIVEIRA, 2004, p. 38)

Nesse sentido, ao analisar a obra O que é Educação Física?, de Vítor Marinho de Oliveira (2004), podemos perceber alguns conceitos importantes que ajudam a compreender como a EF foi se ampliando ao longo do tempo, tanto na história quanto na forma de conhecimento. Esses conceitos são úteis para refletirmos de maneira mais



crítica sobre o que é a EF, qual é o seu papel na sociedade e como ela se identifica. A seguir, vamos apresentar as principais categorias encontradas na obra e discutir cada uma delas com base em outros estudos relacionados e utilizados, também, como referência.

A EF, ao longo da história, esteve bastante ligada à Medicina, sobretudo quando se tratava da saúde e prevenir doenças. Essa conexão, de certo modo, ajudou à profissão em um reconhecimento social maior, mas também acabou limitando seu papel, deixando de lado sua função de ensinar e promover o desenvolvimento humano (OLIVEIRA, 2004).

Além disso, no século XIX e no começo do século XX, a EF também teve uma forte ligação com o militarismo. Nesse período, a mesma era empregada em sociedade com fins de disciplina corporal e fortalecimento dos corpos para defender o país em tempos de guerras e outros impactos que vinhessem a ocorrer (CASTELLANI FILHO, 1998). A junção dessas duas influências — médica e militar — acabou moldando a identidade da área por bastante tempo, reforçando uma visão mais prática e utilitária da Educação Física.

Oliveira (2004) explica que, com a mudança para um estilo de vida mais sedentário, as atividades que antes eram feitas para sobreviver — como correr, caçar, saltar e nadar — passaram a ser praticadas como esportes e/ou elementos de diversão e cultura. Ao longo do tempo, essa transformação levou a uma visão mais mecânica do corpo humano, especialmente após a Revolução Industrial, quando a EF começou a ser influenciada por uma ideia de homem como uma máquina. Bracht (1999) apoia essa ideia ao dizer que, sob o impacto do positivismo, a EF se tornou mera técnica, focada apenas na eficiência e no desempenho, deixando de lado uma compreensão mais completa do ser humano.

No Brasil, a EF foi bastante influenciada por modelos europeus e acabou centrando-se em disciplinar os corpos, especialmente durante o período da ditadura civil-militar (1964-1985), quando o esporte escolar foi usado como uma ferramenta de propaganda ideológica (SOARES, 1994). Oliveira (2004) vê esse momento como uma expressão de uma cultura que alienava e reproduzia interesses de grupos que estavam no poder. Essa visão se alinha com a de Castellani Filho (1998), que aponta que a EF no Brasil ficou subordinada às ações do governo, voltadas para o controle social e para a manutenção de valores dominantes.



A ideia principal que surge na obra de Oliveira (2004) é a necessidade de termos uma definição crítica de EF. Para ele, nem todas as práticas corporais podem ser consideradas EF; é importante entender essa área como uma práxis pedagógica e cultural que busca promover a formação em sua totalidade.

Betti (1991) reforça essa ideia ao destacar que é fundamental superar a visão de separação entre corpo e mente. Ele aponta que a EF deve ser vista como um campo que integra movimento, consciência e cultura. Por isso, a EF não deve ser limitada ao adestramento físico ou ao treinamento esportivo, ela precisa ser entendida como um fenômeno social, histórico e educativo, que tem como objetivo promover a emancipação do ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *O que é Educação Física?* de Vitor Marinho de Oliveira constitui um marco na consolidação da vertente crítica da Educação Física brasileira. Dessa maneira, partimos da seguinte pergunta: como Oliveira aborda a compreensão conceitual de Educação Física em sua obra “O que é Educação Física?”. Tornando como principal objetivo analisar a compreensão conceitual do que é educação física na supracitada obra. Para assim, compreender que sua principal contribuição está na tentativa de elaborar um conceito que rompe com as formas reducionistas, afirmando que a área não pode ser confundida com qualquer prática corporal.

Porém ainda é de extrema necessidade que haja novas pesquisas na área para mostrar que a EF está situada como prática social histórica, como Oliveira amplia a sua concepção e abre espaço para ser reconhecida sob outros campos.

REFERÊNCIAS

BETTI, M. Educação Física e Sociedade. Campinas: **Papirus**, 1991.

BRACHT, V. A Educação Física e a produção do conhecimento. Campinas: **Autores Associados**, 1999.

CASTELLANI FILHO, L. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. 8. ed. Campinas: **Papirus**, 1998.



HÚNGARO, E. M. A educação física e a tentativa de “deixar de mentir”: o projeto de “intenção de ruptura”. In: MEDINA, João Paulo Subirá (org.). *A educação física cuida do corpo... e “mente”: novas contradições e desafios do século XXI*. Campinas: **Papirus**, 2010.

LEONTIEV, A. N. O homem e a cultura. In: _____. O desenvolvimento do psiquismo. Lisboa: Livros Horizonte, 1978. p. 261–275.

MELLO, R. A. A Educação Física como prática social: fundamentos histórico-ontológicos. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

OLIVEIRA, V. M. O que é Educação Física?. 11. ed. São Paulo: **Brasiliense**, 2004.

OLIVEIRA, M. S; NUNOMURA, M. A produção histórica em ginástica e a constituição desse campo de conhecimento na atualidade. Conexões: **Revista da Faculdade de Educação Física**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 78–91, maio/ago. 2012.

OLIVEIRA, R. P. **Trabalho, corpo e formação humana**: um exame sobre o complexo social da educação física em concepções pedagógicas no Brasil. 2022. 237f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

OLIVEIRA, R. P. **A ginástica artística como conteúdo necessário nas aulas de educação física escolar**: contribuições à luz de uma análise onto-histórica. In: SOUSA-CIRILO, Maria do Socorro. **Ginástica Artística**: história, ensino e aplicabilidade prática. 1 ed. Vila Real/Portugal: Sílabas Didáticas, 2025.

SOARES, C. L. Educação Física: raízes europeias e Brasil. 2. ed. Campinas: **Autores Associados**, 1994.

